

**PERMANECE CONOSCO,
O DIA VAI ADIANTADO E A NOITE JÁ VEM!
... e ele entrou para permanecer com eles (Lc 24, 28-32)**

Lucia Weiler (IDP)

...Introduzindo e continuando...

Na continuidade dos passos anteriores, com Luiz Carlos Susin (autor do hino da XXIII AGE da CRB, que é o fio condutor que permeia a reflexão que segue, e como ausente presente, ou presente ausente, comunicará em seguida conosco através de um vídeo) recebemos a incumbência de entrar num momento central do caminho de Emaús (Lc 24, 28-32). E de imediato estamos diante de uma encruzilhada. Um povoado (Emaús) era o ponto de chegada do caminho para quem estava se afastando de Jerusalém, da comunidade, da cruz. Lucas 24,13-35 é uma daquelas narrativas bíblicas que não nomeia um dos personagens e, com isso, convida para nos incluirmos no caminho com Jesus, ao lado de Cléofas. Podemos fazê-lo pessoal e comunitariamente, como Vida Religiosa.

Chegar a uma encruzilhada leva sempre a rever a direção de onde viemos e para onde vamos, ou queremos ir. É tempo de revisar e reoptar. Na última AGE da CRB, em 2010, assumimos com muito entusiasmo, um caminho conjunto e uma meta que foi nosso horizonte inspirador para o triênio: *“avançar com os “olhos fixos em Jesus”* (Hb 12,2). E com muita vibração cantamos o refrão:

*De olhos fixos em Jesus, avançaremos sempre além,
fazendo história, fiel memória do Verbo Eterno neste chão..
Nosso horizonte, meta e luz, é o seu Reino que hoje vem:
E o ponto, ao qual nós já chegamos, nos leva à mesma direção!*

Entretanto, chegamos a muitas encruzilhadas e, por vezes, perdemos a direção. Além disso, fizemos, muitas vezes, a experiência de esquecer, ou até de perder o horizonte. Diante do excesso de desafios, nem sempre fomos capazes de reconhecer, os sinais de Deus e as referências permanentes. Vivemos crises que geraram tristeza. Vivemos até mesmo euforias diante de conquistas passageiras. E, por vezes, as crises não assumidas e as euforias pouco realistas colocaram vendas em nossos olhos. Nem sempre mantivemos nossos olhos abertos e fixos em Jesus.

Apesar de nossas cegueiras, de tantas formas e nomes, Jesus nos acompanhou até aqui e continua acompanhando. Ele interrompeu, muitas vezes, nosso caminho, chegando como estranho, ainda não reconhecido: novos sujeitos emergentes, novos gritos, clamam por presença. Ainda que nosso entendimento continue obscuro e não consigamos entender tudo o que se passa com os outros e conosco, também neste momento, ELE está

conosco e nos acompanha escondido em vários rostos¹ e de diversas maneiras: ora em silêncio, ora perguntando e voltando a perguntar, provocando e chamando para darmos nossa resposta de fé.

Numa atitude de escuta incondicional, deixou falar sobre tudo o que se passa em nossos corações e mentes; esteve presente em nossas conversas e partilhas comunitárias, em nossas assembleias e capítulos. Tantos foram os assuntos: o entusiasmo do projeto inicial e o primeiro amor; as esperanças sonhadas, alimentadas e também as frustradas; os fatos que nos levaram ao desânimo e à tristeza; esperanças e interpretações equivocadas que colocaram em crise todo projeto. Longe de abafar, minimizar ou ignorar a crise, Jesus provoca que ela seja nomeada, contada, acolhida e integrada. Uma reflexão recente, sobre a Crise da VR hoje, conclui com um diagnóstico muito sábio: Não devemos ter medo das crises e de pessoas em crise na Vida Religiosa. Muito mais complicado é lidar com pessoas em crise que não a admitem, ou não querem admitir a crise da Vida Religiosa. Pode tornar-se um tipo de cegueira comum, ou até coletiva, que gera acomodação e indiferença. Não é essa lição do povo nas ruas neste momento de manifestos a favor da vida, da justiça, dos direitos de cidadania, e de protestos contra a corrupção e a falta de ética.

Admitir que, muitas vezes, fomos e continuamos sendo cegos diante de tantos gritos vindo de novos sujeitos emergentes, colocando em cheque nosso Carisma e nossa Missão original, é o primeiro passo, para voltar a ver. Na cena do cego de nascimento Jesus deixa claro: *“Eu vim a este mundo para um discernimento: para que os que não veem, vejam e os que veem (ou pretendem ver) se tornem cegos”* (Jo 9, 39). Jesus é confrontado com a pergunta provocativa dos chefes dos fariseus: *“Será que também somos cegos”?* Sua resposta não deixa dúvida: *“Se vocês fossem cegos, não teriam pecado, mas como vocês dizem: nós vemos, o pecado de vocês permanece”* (Jo 9,40-41). E o hino da XXIII AGE, convida-nos a cantar, com insistência, neste momento:

PERMANECE CONOSCO!
PERMANECE, SENHOR, NO MEIO DE NÓS!

*Em caminhos de fraqueza e solidão,
Quando a noite ameaça a esperança,
Mesmo em meio à tristeza e decepção,
Suplicamos com o coração em ânsia!*

Nos passos que demos até aqui, pelos caminhos de Emaús, paradoxalmente, o estranho tornou-se tão próximo a nós mesmos, que foi abrindo nossos olhos a partir de dentro e nos ajudou a reencontrar a distância dos fatos que nos tornam cegos. Convidou-

¹ “Com olhares plurais contemplamos os múltiplos rostos de Jesus” (AGE 2009)

nos, e continua a convidar a Vida Religiosa para entrar mais a fundo dentro da nossa própria história a rever os passos do caminho: *"Coloque marcos na estrada, finque estacas para sua orientação, preste atenção na estrada, no caminho que você percorreu"* (cf Jr. 31,21). Esta assembleia é um desses momentos de graça, de retomada do caminho, de busca de novos impulsos para a esperança.

O triálogo torna-se mais importante e iluminador que o diálogo. A entrada de um terceiro "OUTRO" rompe com uma visão viciada e pessimista, ou uma conversa reducionista "entre si", que acaba fechando, ou colocando vendas, nos próprios olhos.

*Interpreta novamente as Escrituras, E nos mostra o outro lado desta vida!
Vem, caminha ao nosso lado e nos aquece, Com palavras de esperança que
animam!*

A Bíblia pode perder sua novidade, quando a usamos, rotineiramente. Apesar de a lermos e meditarmos todos os dias, nem sempre nos deixamos tocar e surpreender pela Palavra viva de Deus: *"Como sois lentos para entender"*. Estamos tão acostumados e familiarizados com um modo de ler os fatos da vida e de usar as Escrituras Sagradas, que é preciso entrar alguém de fora com uma nova chave, um *talvez, uma suspeita: "será?"*... Pergunta fundamental para analisar o mesmo fato, contado e recontado, com uma nova visão. Um simples *"será"*, com seu potencial interruptivo, ajuda a desconstruir e reconstruir, ou recriar a Escritura, com toda sua autoridade de Voz e Palavra de Deus: *"Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória?"* (Lc 24,26). Pergunta fundamental para uma releitura global das Escrituras, capaz de fazer vibrar os corações e tornar a Palavra Escrita uma Palavra Viva de Deus: *"Oxalá ouvísseis hoje a sua voz!"* (Sl 95,7).

O fato, por si só, não fala. Precisa ser situado e relido dentro das tramas de toda história de Deus com o povo e do povo com Deus: *"Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele"* (Lc 24,27).

Continuando nossa caminhada, já com os corações aquecidos, mas os olhos ainda fechados, somos convidadas e convidados a percorrer sete passos do itinerário de fé, com base em Lc 24, 28-32. Esses passos poderiam articular um programa pedagógico formativo para a Vida Religiosa.

1º - Uma encruzilhada no caminho: é preciso decidir

Lc 24, 28: *"Quando chegaram perto (nas proximidades) do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante!"*

Jesus fez de conta que ia mais adiante. Pode dar a ideia de que Jesus agiu como se quisesse afastar-se novamente, ir adiante, distanciar-se. Não se trata de um conto infantil, onde o gênero literário do “faz de conta” é familiar. Aqui nos encontramos diante de uma encruzilhada. Uma provocação do terceiro peregrino, ainda desconhecido, mas já familiar e próximo, exige postura, adesão, decisão como toda encruzilhada, todo momento crucial na vida. Leva-nos a perguntar pelas encruzilhadas nas quais nos encontramos hoje: de gerações? Vocacional? Comunitária? Missionária? Profética? Ética? Espiritual? O envelhecimento crescente e os medos relacionados? E podemos seguir identificando momentos cruciais nos caminhos que percorremos, nas nossas encruzilhadas hoje: que posicionamentos urgentes pedem de nós?

Há uma curiosa tensão, um contraste paradoxal, entre proximidade e distanciamento. No início, Jesus se aproximou: *“Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou, e começou a caminhar com eles”*(Lc 24, 15). Agora, ele provoca sua reação, dando a impressão de passar adiante, de separar-se, ou distanciar-se novamente.

2º - Um convite insistente: Permanece conosco!

A reação é imediata. É marcada por um convite insistente e uma abertura incondicional à hospitalidade deste peregrino estranho, desconhecido, que veio caminhando por trás e os encontrou no caminho, acompanhando-os. Mostra que algo novo já começa a acontecer, a partir de dentro, pois não querem que ele se afaste, nem se distancie novamente.

Lc 24, 29a: *“Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: “Permanece conosco, pois a noite vem chegando e o dia já declina”!*

...permanece conosco...

A insistência no convite *“permanece conosco”* é como uma ordem do coração. Quem ousaria desobedecer? O convite feito por Lidia, a Paulo e Timóteo, às margens do rio, é muito semelhante: *“Após ter sido batizada com toda sua família, ela nos convidou: ‘Se vocês me consideram fiel ao Senhor, permaneçam em minha casa!’ E forçou-nos a aceitar!”* (At 16,15). E sabemos que foi pela insistência dessa mulher, temente a Deus e com um coração aberto e escutante, que o Evangelho entrou e permaneceu na Europa, no relato dos Atos dos Apóstolos.

Encontramos outra semelhança, no insistente convite dos Samaritanos, após o testemunho da mulher samaritana: *“Ele me disse tudo o que eu fiz! Os Samaritanos foram ao encontro de Jesus e lhe pediram que permanecesse com eles. E Jesus permaneceu aí dois dias”* (Jo 4,39-40).

E nós, o que fazemos nas encruzilhadas que se apresentam em nossos caminhos, em nossas deliberações, diálogos; nos momentos cruciais que exigem discernimento; no limiar de algum passo decisivo pelas consequências históricas? Alguma vez paramos e suplicamos com a mesma insistência: "Permanece conosco?" Como foi essa experiência de parar a caminhada, transformar nossa casa em hospedaria, acolher o "outro" no nosso coração, como estranho e não apenas fazer um convite qualquer, mas forçar a entrar... porque intuímos que desse acolhimento dependeria nossa opção de continuar, ou de voltar, enfim colocar-nos em movimento e sair dos desânimos.

...A noite está chegando... o dia já declina, está prestes a findar...

Percebemos a encruzilhada e a urgência de tomar uma decisão, através da tensão entre a noite que vem chegando e o dia que vai declinando. Momento crucial de toda experiência de encontro humano e também de toda experiência de encontro com Deus. Não dá para deixar passar a hora da graça, o momento presente. Sem este convite insistente e a atitude de abertura para a hospitalidade, sem criar as condições concretas para que aquele que acompanhou, como estranho peregrino, entre na nossa vida, não acontece nem a revelação, nem o encontro e, muito menos, o reconhecimento. As ordens do coração, normalmente, precisam de uma decisão, uma adesão imediata.

Entre a noite que vem chegando e o dia que vai declinando, a Vida Religiosa também é convidada a decidir, imediatamente, sem demora. "Noite e dia", na linguagem bíblica, são metáforas reveladoras não apenas de conteúdo temporal, mas teológico-espiritual. Jesus mesmo é a luz, o dia, que orienta a direção do caminho: "É preciso caminhar e trabalhar enquanto é dia, pois vem a noite e já ninguém pode trabalhar... Enquanto estou no mundo eu sou a luz do mundo (cf. Jo 9,4-5).

Não será essa a encruzilhada na qual se encontra, hoje, a Vida Religiosa: entre o declinar do dia e a chegada da noite? O estranho que caminhou conosco, até agora, e que ainda não reconhecemos, pede uma chance. Está provocando-nos ao simular que vai passar adiante e retirar-se. Neste momento, não basta um convite fraco e individual. Deve ser um grito coletivo da Vida Religiosa, com força vinculativa: "*Permanece conosco!*"

*Vê que é tarde e o dia já declina, E caminhos também chegam ao ocaso.
Mas contigo entre nós, em luz divina, Nós seremos para sempre renovados!*

Místicos, como São João da Cruz, também falam desse contraste entre a noite escura e a luz, que estão muito próximas uma da outra: "Conheço bem a fonte que jorra e corre, ainda que seja noite!"² "Não devemos esperar pela luz no final do túnel", dizia Carlos Mesters, "mas é preciso buscar e encontrar a luz dentro do próprio túnel".

² São João da Cruz inspirando o tema da Assembleia da UISG, 2010.

Esse desafio, a encruzilhada do momento, talvez seja também a hora da graça de captarmos os sinais que a Divina Sabedoria está nos indicando neste tempo. Hora de discernir rumos entre a “fonte e a noite escura” e não perder a esperança³.

3º - Uma resposta de adesão e fidelidade: entrar e permanecer

Lc 24, 29b: *Então Jesus entrou para permanecer com eles.*

Dois verbos fortes: *entrar* e *permanecer*. Sinal da fidelidade e adesão de Deus, que sempre toma a iniciativa, mas espera a abertura de coração e a resposta humana, para agir com sua graça exuberante e seu amor incondicional.

...Jesus entrou...

A entrada de Deus em nossa vida pessoal e comunitária é sempre iniciativa dele, mas supõe nossa abertura e acolhida. Além da graça, exige cuidado e atenção, porque ele entra de modo surpreendente e não como nós o imaginamos.

Aqui um novo alerta: A necessária privacidade pode, facilmente, ser confundida com “zonas de conforto e de bem estar” que construímos para nós em nossas comunidades. E estas podem impedir a entrada, tão saudável, de alguém diferente, em nossos círculos. Bem lembrado que até então Jesus ainda não era conhecido ou reconhecido, mas estava “escondido num simples viajor”.

Quantas vezes, por vários motivos, deixamos de acolher quem bate à nossa porta, muito menos vamos à procura ou forçamos a entrada de “outros” “outras” em nossos espaços e ambientes considerados sagrados? Como está a acolhida e a hospitalidade que damos em nossos corações, em nossas casas, em nossos espaços, a esse Jesus de Nazaré, ressuscitado e vivo entre nós que vem escondido, ou até continua crucificado, no mais estranho e no mais pobre? Com quem caminhamos, conversamos, discernimos, expressamos nossos sentimentos? Quem acolhemos e quem deixamos de acolher? A condição primeira para acolher alguém diferente de nós é a liberdade.

...Para permanecer com eles / E permaneceu com eles...

Jesus não apenas ficou para passar a noite, mas tomou uma firme decisão de permanecer com eles. Este gesto é a resposta de adesão e fidelidade ao convite insistente. “Permanecer” no sentido mais profundo inclui sempre uma negação que, no fundo, é uma opção: “Não retro-ceder”. Permanecer não responde à pergunta geográfica sobre o lugar a ficar, nem a pergunta temporal, durante um determinado tempo, como geralmente são nossos projetos e parcerias intercongregacionais. Implica numa fidelidade mais profunda,

³ No Retiro sobre a Transfiguração, terceiro volume do ciclo de retiro da CLAR, dedicamos um dia para retomar e rezar a experiência das Encruzilhadas nos caminhos da vida.

em criar laços ou vínculos pessoais, e comunitários. Esse é o sentido mais exato e profundo do pedido insistente dos discípulos, e da resposta de Jesus nesse momento da caminhada de Emaús. Não querem e nem podem “retro-ceder” porque o coração já aderiu e criou vínculos irreversíveis de pertença mútua: amor de aliança.

O verbo “permanecer” *menein / meno*, ainda que geralmente seja traduzido por “ficar”⁴, tem um significado teológico mais profundo que inclui uma nova aliança. Como um modo de “permanecer” o uso deste verbo, tem um sentido polissêmico. Destacamos o sentido de “habitar”, estabelecer morada (Jo 1,38ss). Nas variantes bíblicas, “permanecer”, geralmente, diz respeito ao que é valor permanente, inegociável, em oposição ao que é inválido, transitório, relativo e até descartável. Nesse sentido remete aos critérios de discernimento tão necessários hoje. Por exemplo: Deus da Vida é permanente e eterno, enquanto os ídolos são passageiros e mutáveis (cf. Sl 115 (113 B)); permanecem a Justiça, a Palavra e a Verdade, enquanto que a injustiça e a mentira não permanecem (cf. Jo 13-17 e 1 Jo). Pérolas, que a Palavra de Deus oferece para um discernimento dos espíritos que a Vida Religiosa é chamada a fazer, constantemente.

O caminho do seguimento de Jesus requer, além do discernimento, a acolhida e a hospitalidade daquele que vem escondido no pobre, no migrante, peregrino e estrangeiro que caminha conosco. Nele está o próprio Deus e sua Palavra se abre para nós através dele: Mt 25,31-46: “...eu era estrangeiro e me receberam em sua casa...” (v.35).

Lembramos a experiência de Abraão, que acolheu os três visitantes peregrinos (Gn 18,1ss.) e a mudança radical de Paulo, no caminho de Damasco, quando escutou uma voz: “Saulo, Saulo por que me persegues?” (At 9,4). O mesmo acontece hoje conosco, no caminho do seguimento de Jesus de Nazaré: A opção por Deus, a opção por Jesus se confunde, ou se funde, com a opção pelos pobres. Este é, em síntese, o mesmo conteúdo do convite feito pelos discípulos: “Permaneça conosco”, e da resposta de Jesus: “entrou e permaneceu com eles”.

Num sentido pleno, o verbo “permanecer” pode significar ainda “inabitação”, sobretudo nos escritos joaninos (cf. Jo 14,23). O ápice, ponto alto, desse significado está nas afirmações de imanência mútua no seio da própria Trindade, e da Trindade que vem estabelecer sua morada (permanecer, habitar) em nós (cf. Jo 14, 16-17.23) Esse é um mistério que está acima de nossos raciocínios e lógicas humanas. É decisão, graça e iniciativa amorosa de Deus.

O documento *Vita Consecrata* valoriza de modo particular a dimensão trinitária de VRC: “Deste modo, a vida consagrada torna-se um dos rastros concretos que a Trindade deixa na história, para que as pessoas possam sentir o encanto e a saudade da beleza divina” (VC 20). Só seremos um desses reflexos da fonte e dinâmica trinitária de Deus, se permitirmos que ela entre e permaneça em nós, estabelecendo sua morada em e entre nós.

⁴ Cf. CRB. **Permaneça Conosco**: subsídios para a XXIII AGE – Estudo Reflexão e Oração, p. 28-29

4º - Uma nova aliança: tornar-se pão partilhado para a humanidade

Lc 24, 30: *"Sentou-se (reclinou-se) à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles".*

A parte central da narrativa é também o momento da virada, da desconstrução de paradigmas. Sem pedir licença, o estrangeiro, o forasteiro peregrino, toma iniciativa e torna-se o protagonista da ceia. O convidado torna-se o anfitrião.

Se Jesus entrou, sentou-se a mesa, deve haver um espaço um lugar próprio. Normalmente pensamos em casa, porém não existe nenhuma alusão a *oikos* no texto. Não importa, o senso comum de interpretação colocou uma casa nesta cena. Projetos bíblicos que animaram a Vida Religiosa na América Latina, nos últimos anos, acentuavam a CASA como metáfora da MÍSTICA, e o CAMINHO como metáfora da PROFECIA. Assim o interpretava a CLAR, no conhecido Projeto Emaús, em vista da refundação da Vida Religiosa.

Estamos aqui diante de uma parada no caminho. Foi-nos sugerido, com o tema dessa Assembleia, fazer a *"experiência de convidar, abrir a porta e 'entregar a casa' a Jesus"*! No modo de pensar de Lucas, em várias cenas, onde aparece explicitamente o termo *oikos/casa*, ela pode ter a força de uma metáfora e não de uma construção física. Lembramos a parábola da mulher que perde uma dracma e varre a casa procurando cuidadosamente até encontrá-la (Lc 15, 8-10) e mesmo Marta que recebe Jesus em sua casa (Lc 10, 38-41).

Com esta cena da ceia associamos ainda outros textos bíblicos como Apocalipse 3,20: *"Já estou chegando e batendo à porta. Quem ouvir minha voz e abrir a porta, eu entro em sua casa e janto com ele, e ele comigo"*.

E por falar em casa, é impossível esquecer o belíssimo texto da casa aberta da sabedoria:

"A Sabedoria construiu sua casa,
ela ergueu suas sete colunas,
ela abateu seus animais,
ela misturou seu vinho,
ela pôs também sua mesa,
ela enviou suas ministras
para chamar desde os lugares mais altos na cidade...
"Vinde comer do meu pão
E beber do vinho que eu misturei.
Deixai a imaturidade e vivei
E andai no caminho da sabedoria."

(Provérbios 9,1-3.5-6)⁵

"Permanecer" tem, também, uma relação profunda e próxima com o sentido de "pertença". Permanecer é sentir-se pertença, é sentir-se "em casa". O senso de pertença vai muito além das fronteiras, ultrapassa as barreiras e limites de uma casa material, ou mesmo, de uma comunidade. "Permanecer", no sentido de "pertencer" é viver o amor-partilha, a justiça-solidariedade, o ágape-aliança. Esta é a casa da sabedoria.

... Sentou-se à mesa com...

Sentar-se, literalmente, reclinar-se à mesa, era um gesto de pessoas livres⁶. Mas, na visão de Lucas, há uma mudança radical na compreensão de liberdade. Mais livres são os escravos, as mulheres, os pobres, os excluídos da mesa. E Jesus chama a atenção para esse detalhe em várias passagens: A refeição à mesa do fariseu e a parábola sobre a mulher que invadiu o espaço e inverteu os olhares, os saberes e as atitudes. Diante de muitos olhares de reprovação dos "aparentemente livres, porque convidados à mesa", Jesus acolhe o gesto do lava-pés, as lágrimas e os beijos dessa mulher, representante de todas as excluídas da mesa, e simplesmente a confirma: "Tua fé te salvou. Vai em paz!" (Lc 7, 36-50).

Outra cena paradigmática, narrada em Lucas, é a parábola do rico e do pobre Lázaro (cf. Lc 16, 19-31). O rico, vestido com roupas finas, sentado à mesa, oferecia banquetes diários aos convidados, e o pobre, sentado na soleira da porta, querendo matar a fome com as sobras, as migalhas, que caíam da mesa do rico. O contraste entre o rico e o pobre, é marcado pela proximidade geográfica x distância de acesso a um bem básico para viver ou sobreviver: a comida que sacia a fome.

Parábolas têm vida própria. São contadas para fazer refletir e convidam-nos a entrar na cena: Quem tem acesso e quem é excluído de nossas mesas? Com quem partilhamos o pão nosso de cada dia? Como são nossos encontros comunitários em torno à mesa?

*Nossa casa é também a tua casa, Entra e senta à nossa mesa e compartilha,
Abençoa o nosso pão e nos reparte/Tua graça, teu Espírito e vida!*

...Tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu-o...

Mais que um jantar comum, estas palavras e este gesto de Jesus evocam a ceia eucarística, como memória pascal, atualizadora do projeto de Jesus de Nazaré: sua vida, paixão, morte e ressurreição. Momento de encontro e reconhecimento. Sinal profético do Reino de Deus já aqui e agora, entre nós.

O gesto de sentar à mesa, tomar o pão e abençoar, seguido pelo gesto do pão partido e repartido, era familiar aos discípulos, mas ainda não compreendido (cf. Lc 22,14-

⁵ SCHÜSSLER – FIORENZA, E. **Caminhos da Sabedoria**. São Paulo: Nhanduti, 2009, p. 64

⁶ Mesa, como lugar de encontro e partilha, consta 17 vezes na obra lucana: Lc 5, 29; 7,3. 37. 49; 11,37; 12,37; 13,29; 14,15; 16,21; 17,7; 22, 14.21.27.30;24,30; At 6,2; 16, 34.

23). Vale a pena reler esses dois textos, em paralelo e confronto, para compreender por que Jesus chamou atenção para a lentidão no entendimento dos acontecimentos.⁷ O processo formativo é lento quando se propõe ser mais profundo, é lento porque dura a vida inteira: é permanente.

A opção por permanecer com Jesus, no amor de Deus, não se fecha em si mesma, mas é abertura para os mais necessitados. Por isso, acreditavam as comunidades cristãs nascentes que o amor diaconia é serviço aos mais necessitados, como Jesus demonstrou ao longo de sua vida e missão, culminando na prática do lava-pés seguida do pão partilhado (cf. Jo 13, 1-21).

Faz sentido lembrar aqui o II Congresso das Novas Gerações, realizado em Aparecida São Paulo com o lema: "**Ardia nosso coração quando Ele nos falava no caminho**" (Lc 24,32). Ir. Annete Havene, ao fazer a fundamentação desse lema, lembrava que a conversa no caminho de Emaús nos ensina que, quando fazemos a experiência do amor, ela deve ser mais forte que o medo e a morte, ela se torna sinal de vida. Ser pão partido, quebrado em pedaços e dado, partilhado com o povo, sobretudo com os mais pobres e famintos, esta é nossa missão. Naquele momento, Ir. Annete convidava cada um dos 800 congressistas a beber da água do próprio coração e fazer a experiência mística: descer ao Santuário Interior. Este convite vale também para nós, nesta Assembleia.

Hoje, a Vida Religiosa, cada pessoa chamada ao seguimento radical de Jesus, é convidada a ser pão quebrado, partido, abençoado e partilhado como alimento de vida para a humanidade, especialmente para os pobres e famintos, para o povo crucificado. Reler com essa chave nossos carismas e nossa missão é uma tarefa urgente⁸.

5º - **Uma nova visão de fé: Reconheceram Jesus**

Lc 24,31a: "*Nisso os olhos dos discípulos se abriram (foram abertos) e eles reconheceram Jesus*".

...os olhos dos discípulos se abriram...

Mais uma mudança-contraste acontece: Os olhos que estavam com vendas, como fechados, se abriram ou foram abertos. E isso só aconteceu pelo gesto da partilha, ponto culminante do caminho. Não a teoria, mas a prática é capaz de abrir os olhos. Mas todo caminho anterior, desde o desabafo e o falar sobre a realidade vivida e os sentimentos experimentados, contar a própria história, acolher um estranho que pergunta, escuta, ajuda a entender o fato no conjunto da história, ilumina tudo com a Escritura, contribuiu para que esse momento do RE-CONHECIMENTO se torne experiência existencial. Só um

⁷ Sobre o pão partido e repartido, cf. também Ciclo de Retiros CLAR 2: COMPAIXÃO, 2012, pp. 43-45.

⁸ Cf. CRB. **Permanece conosco!(Lc 24,29)**. Subsídios para a XXIII AGE, pp 47-51

novo olhar, um olhar pascal, é capaz de reconhecer o Jesus pós-pascal, acolhendo-o na alegria como Senhor!

*É nossa alegria consagrar o ser inteiro a serviço da missão!
Testemunhas mil nos precederam fecundando o chão..
E é seguindo o Mestre, cruz – ressurreição,
que, profetas do seu Reino, ganharemos novo olhar,
pascal olhar!*

...e eles reconheceram Jesus

A fé pós-pascal é sempre um re-conhecer. A Ressurreição é uma experiência vital, existencial. E isso implica numa abertura dos olhos do coração e na experiência dos olhos pascais, dom pascal que nos é dado pelo Espírito do Ressuscitado. Ele permanece conosco, enquanto Jesus está na eminência de se tornar novamente invisível.

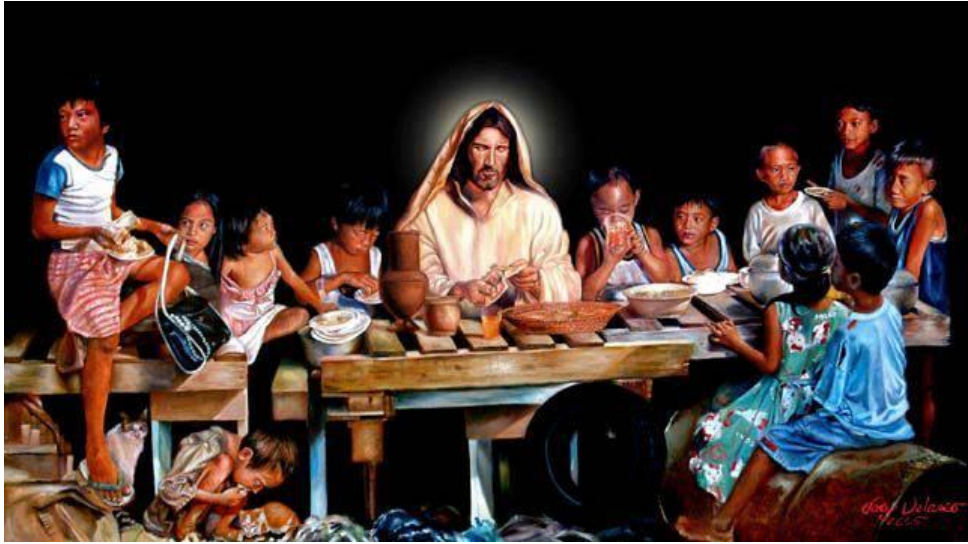
O conhecimento de Deus, desde o AT, significa experiência⁹. Não se trata de um conhecimento teórico ou gnóstico. O reconhecimento de Jesus pós-pascal, conforme João, só se dá através da tríade: conhecer, seguir e amar (cf. 1 Jo 4,7-21). Permanecer no amor e permitir que o amor de Deus permaneça em nós. Este é o único necessário, segundo a comunidade joanina. Para Mateus o único necessário é “buscar o Reino de Deus e sua justiça” (Mt 6, 33).

Justiça e Reino, amor e partilha de bens se complementam: *“Se alguém possui os bens deste mundo e vendo seu irmão em necessidade fecha-lhe o coração, como pode o amor de Deus permanecer nele!”* (1Jo 3,17). Por isso, o amor de Deus derramado em nossos corações humanos pelo Espírito (cf. Rm 5,5), torna-se fonte e dinâmica permanente que impulsiona para a missão.

O Evangelho, a Boa Nova de Jesus faz, assim, uma releitura que atualiza a opção pelos pobres já conhecida e praticada pelo Povo de Deus no AT (cf. Dt 15,7ss.). No seguimento de Jesus, recebemos a COM-VOCAÇÃO de unir numa mesma lógica, ou perspectiva de olhar e de prática concreta, o reconhecimento e a opção por Jesus com a opção pelos pobres, seus prediletos. Este é o mistério da fé a ser reconhecido no pão tomado nas mãos, abençoado, partido e repartido. A Eucaristia é o centro e compromisso da vida em comunidade que se abre para a missão. Como celebramos a EUCARISTIA em nossas comunidades? A que compromissos concretos com os mais pobres ela nos impulsiona?

Aqui incluo uma sugestiva imagem que fala por si e nos convida a contemplar.

⁹ No NT há muitas maneiras de conhecer e reconhecer: a) a Verdade (Jo 8,32); o Espírito (Jo 14,17); a árvore é conhecida pelo fruto que produz (1Jo 4,6; cf. tb. Mt 12,33, Lc 6,44); Deus (Jo 14,7; 17,3.25; 1Jo 2,3.13; 3,1.6; 4,6ss; 5,20); Jesus Cristo (Jo 14,7; 17,3.25; 1Jo 2,3s.); na prática (Jo 6,69; 7,26; 8,52; 13,35; 14,20.31; 17,7s. 25; 19,4; 1Jo 2,3.5; 4,13; 5,2).



Compartilhada no Facebook- por Ir. Hortencia Novais

6º - Uma nova forma de presença: saber desaparecer

Lc 24, 31b: *"E Jesus desapareceu (tornou-se invisível) diante (à frente) deles!"*

...Jesus, porém, desapareceu / tornou-se invisível

Voltar a distanciar-se, tornar-se invisível, para permanecer, de modo mais profundo e real, na memória do coração, esta é a sabedoria da vida, a lógica pascal. É o ensinamento de Jesus pós-pascal a Tomé: *"Você acreditou porque viu. Felizes os que acreditam sem ver"* (Jo 20,29). Também Maria Madalena viu Jesus e, querendo segurá-lo, recebe uma missão: *"Não me segure, porque ainda não voltei ao meu Pai. Mas vá dizer aos meus irmãos..."* (Jo 20, 17). A dinâmica das narrativas são muito semelhantes a essa, que estamos acompanhando em Lucas 24, 13-35. É o mistério da presença de Jesus Ressuscitado, visível e invisível, no meio da comunidade. Presença viva e eficaz, animada e dinamizada pelo Espírito, aquele que permanece na comunidade, como outro Paráclito (cf. Jo 13-17; 1 João).

Emerge daí uma intuição e uma provocação, para a qual já nos alertava Victor Codina, sobre a necessidade de fazer uma releitura pneumatológica da Vida Eclesial e, por conseguinte da Vida Religiosa. O Congresso Continental de Teologia renovou essa urgência:

No momento atual, acredito que tanto a cristologia como a eclesiologia devem ser profundamente pneumatológicas, inspiradas pela força e pelo calor de um Espírito que não se limite ao dom pascal do Ressuscitado à sua Igreja, mas que é o Espírito que precede e transborda a Igreja, descendo sobre toda a humanidade; o Espírito da criação, dos profetas de Israel, da encarnação e da ressurreição de Jesus; o Espírito da vida presente em todas as tradições religiosas da humanidade, o que se move a partir de dentro todos os movimentos sociais, culturais, políticos ecológicos e que tudo encaminha para o

Reino. Esse Espírito do Senhor é o que não abandona hoje sua Igreja, mas que a impulsiona a levar adiante a inspiração de João XXIII e do Vaticano II. Na América Latina, tem-se que elaborar uma pneumatologia a partir dos pobres, que possa ser uma fonte de esperança para a Igreja e o mundo ¹⁰.

A Vida Religiosa, como toda vida cristã, eclesial é chamada a fazer hoje uma releitura sapiencial e pneumatológica tanto da realidade quanto do carisma original, porque aí está o núcleo identitário da sua razão de ser e da missão.

...da frente deles / diante deles

O acento dado ao elemento geográfico, físico, talvez queira ressaltar que agora Jesus assume outro lugar, não mais diante de, mas dentro, no coração de cada discípulo e discípula. E também no coração da comunidade de seguimento.

Esta é a experiência da inabitação, do ser e viver em Cristo, como diz Paulo: "Já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim" (Gal 2, 20). A Vida Religiosa é chamada a traduzir hoje, qual parábola do Reino, um estilo de vida de seguimento radical de Jesus de Nazaré, animada pelo Espírito do Ressuscitado. A teologia joanina ilustra este mistério da presença imanente através das fórmulas de mútua inabitação: "*Naquele dia vós reconheceréis que eu estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós*" (Jo 14,20). No contexto da alegoria da videira e ramos, num tom exortativo Jesus dá a ordem: "*permanecei em mim*" (Jo 15,4) acompanhada da promessa: "*e eu (permaneço) em vós*". Poderíamos parafrasear o sentido da afirmação da seguinte maneira: Permanecei em mim porque eu permaneço em vós. A finalidade deste imperativo-promessa é capacitar para produzir abundantes frutos que permanecem. Portanto, a extensão e a qualificação para a missão.

Para refletir uma pergunta: somos capazes de desaparecer para permanecer em maior profundidade? Sair de nossos protagonismos e assumir uma presença discreta, invisível, como Jesus? O que permanecerá, com o desaparecimento de um determinado estilo de Vida Religiosa? Acompanhamos, por exemplo, a dedicação admirável, e ao mesmo tempo paradoxal, da Vida Religiosa na Holanda, escrevendo suas crônicas para que permaneçam como memória num museu histórico. E o fazem com consciência de responsabilidade histórica, para que o Carisma permaneça.

7º - Uma releitura do caminho: recriar a comunidade e partir em missão

Lc 24, 32: Então um disse ao outro: "Não estava o nosso coração ardendo (abrasado) quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava (abriu, deu acesso, fez entrar) as Escrituras?"

¹⁰ http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4676&secao=404G

...Coração ardente, abrasado...

O coração já começou a aquecer durante o caminho. Mas agora ele está ardente, a ponto de irradiar vida para além. É uma experiência mística, mas igualmente profética como lemos no profeta Jeremias: *"E, a mim mesmo, eu disse: Não mais o mencionarei e nem falarei em seu nome. Mas dentro de mim havia um fogo devorador que se me encerrara nos ossos. Esgotei-me em refreá-lo, e não o consegui"* (Jeremias 20,9). A experiência do coração ardente é um imperativo que impulsiona, empurra para a missão, o anúncio, a profecia.

Tenho que gritar, tenho que arriscar, Ai de mim se não o faço!
Como escapar de ti, como calar, Se tua voz arde em meu peito?

É um novo chamado para a missão, como Moisés experimenta a Sarça Ardente, que queimava sem se consumir (Ex 3,7ss). E para reconhecer e escutar, na linguagem da Sarça, a voz do próprio Deus, identificado com o clamor do povo oprimido, Moisés precisou voltar, tirar as sandálias, interromper seu caminho, seu projeto de vida.

A Vida Religiosa é chamada a descobrir onde estão hoje as Sarças Ardentes que fazem arder o coração para assumir com renovado ardor a missão mística e profética: "Escutar Deus onde a vida clama!" equivale a "Escutar a Vida onde Deus clama!" (CLAR 2009 – 2015).

Talvez nosso cuidado, hoje, deva ser o de reanimar e "não apagar a mecha que ainda fumega!" Assim o profeta Isaías (Is 42,3) apresentava o rosto de Deus, no tempo do Exílio. Lembramos, também, o excelente livro de espiritualidade, sempre atual e inspirador, de Joan Chittister, com o sugestivo título: "Fogo sob as cinzas"¹¹.

Não terá sido esse o maior efeito, o maior fruto da caminhada de Emaús? Os corações já começaram a arder pelo caminho. Era preciso tirar as cinzas que abafavam o fogo e não permitiam que ele ardesse. Há muitas formas de fazer isso. Jesus encontrou um jeito e nos ensina. Seguindo suas pegadas, com a criatividade do amor, descobriremos novas maneiras de fazer os corações arderem e vibrarem. É o permanente desafio de "não perder de vista o ponto de partida", como diz Clara de Assis. O desafio de não perder o primeiro amor, como adverte a carta à comunidade eclesial de Éfeso: *"Você é perseverante. Sofreu por causa do meu nome, e não desanimou. Mas há uma coisa que eu reprovoo: você abandonou seu primeiro amor"* (Ap 2, 3-4).

Reconhecer que nosso coração já ardia durante o caminho é voltar para acolher o primeiro amor da nossa vocação e do Carisma Original. Por isso muitas Congregações Apostólicas aproveitam esse momento de graça, para uma releitura e uma reelaboração de suas Constituições.

¹¹ CHITTISTER Joan. **Fogo sob as Cinzas**: uma Espiritualidade da Vida Religiosa Contemporânea. São Paulo: Paulinas, 2000

...Ele abriu (explicou) as Escrituras...

A Escritura não é livro fechado, mas caminho aberto. As chaves de leitura não são teóricas, mas opções de vida. O encontro com a alteridade, com o pobre, com o peregrino, no qual Jesus se apresenta escondido, é que abre de fato as Escrituras e as torna proposta de vida e movimento. Lâmpada e luz para o caminho.

Este é o sentido da leitura orante da Bíblia, espinha dorsal da Vida Religiosa, como propõe o projeto Tua Palavra é Vida. É também um dos eixos teológico da CLAR: "Palavra de Deus - eixo transversal de toda Vida Religiosa"¹².

Na primeira carta de João encontramos um elogio e uma convocação especial à juventude: "*escrevo a vocês, jovens, porque vocês são fortes e a Palavra de Deus permanece em vós...*" (1Jo 2,14). Lembro a busca ardente da Leitura Orante da Bíblia, tanto no Congresso das Novas Gerações da Vida Religiosa, realizado de 9 a 12 de fevereiro de 2013 em Aparecida, quanto na continuidade do processo iniciado nos encontros regionais. É um dos sinais luminosos que reconhecemos hoje.

A Leitura Orante da Palavra de Deus sempre foi e continuará sendo a espinha dorsal da Vida Religiosa. Não para conhecer mais sobre a Bíblia, mas para encontrar Deus, aquele que nos fala através da Palavra encarnada no Filho: *Quem reconhece o Filho também reconhece o Pai. Quanto a vocês, tudo o que ouviram desde o princípio, permaneça em vocês. Se permanecer em vocês tudo o que ouviram desde o princípio, vocês também permanecerão no Filho e no Pai (1 Jo 2,24). Vocês receberam de Jesus a Unção que permanece em vocês e já não têm necessidade de que alguém vos ensine: pelo contrário, como a unção dele que é verdadeira e não mentirosa, lhes ensina tudo o que lhes tinha ensinado, permaneçam com ele (1 Jo 2,27).*

Foi isso que aconteceu com o casal de Emaús, durante o caminho e à mesa. A Escritura aberta fez arder seu coração, e abriu seu entendimento; o pão partido e repartido abriu seus olhos. Agora com muita alegria, fruto do Espírito, da Unção, já não tem necessidade que alguém ensine, porque compreenderam e ressuscitaram com Ele. Sentem-se enviados a voltar para reconstruir a comunidade e comprometer-se com a missão.

Oxalá possamos fazer experiência semelhante nesta Assembleia: Vida Religiosa ressuscitada de coração ardente e olhos abertos, decidida a voltar ao carisma, ao primeiro amor, à missão profética original.

¹² Plano Global da CLAR 2012 – 2015, p. 14.

...Concluindo e alargando...

Lc 24,33 -35: *"Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze, reunidos com os outros. E estes confirmaram: 'Realmente, o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão!' Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão".*

*"Livre e decidido, é o caminhar de quem vive na esperança,
renovada pelo amor, fraterno amor!"*

A dinâmica de levantar e voltar para encontrar a comunidade reunida, confirma a experiência da Ressurreição. Tudo culmina numa partilha da experiência de fé: o que aconteceu no caminho e como se deu o reconhecimento de Jesus na partilha do pão.

Não basta ter os olhos abertos e o coração ardente. O mais importante é o que se faz com esta nova visão e a renovada paixão. Cria-se uma nova dinâmica na cena. A mudança é radical: a noite vira dia; o desânimo, coragem; a tristeza, alegria; a fuga, volta; a desconfiança, confiança; a incredulidade, fé. E partilham, com entusiasmo, o que aconteceu no caminho e como reconheceram Jesus ao partir o pão.

Seria muito consolador terminar esse relato como terminam tantas histórias: "e viveram felizes para sempre!" Mas o Evangelho continua logo em seguida, nos vv. 36-37: *"Ainda estavam falando, quando Jesus apareceu no meio deles e disse: "A paz esteja convosco"! Espantados e cheios de medo pensavam estar vendo um espírito (ou um fantasma)." Imagem do que acontece muitas vezes conosco. O processo continua e o caminho ainda é longo. Se o casal de caminhantes não tivesse insistido e forçado Jesus a entrar, não haveria a partilha do pão, memória pascal, e a consequente experiência da Ressurreição, capaz de recriar a comunidade de seguimento pós-pascal, no discipulado de Jesus de Nazaré. Temos que continuar a insistir "permanece conosco!", para que Jesus, escondido em múltiplos rostos, entre em nossos espaços, em nossas casas, em nossos projetos.*

Porém, talvez seja hora também de silenciar para escutar o próprio Jesus, encarnado em tão diversificados rostos e vozes plurais, insistindo conosco, com a Vida Religiosa: *"Permaneci em mim e eu permanecerei em vós. O ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Assim também vós: não podeis tampouco dar fruto, se não permanecerdes em mim"* (Jo15,4). Equivale a dizer *"permaneci no meu amor"* (Jo 15,9). Ou ainda, *permaneci na minha Palavra* (Jo 15,7), *nos meus mandamentos* (Jo 15,10). Esta é a pérola preciosa deixada como herança pela comunidade do Discípulo Amado.

Para além da nova visão, o chamado é para uma nova prática: *"Quem diz que permanece em Deus, deve comportar-se como Jesus se comportou"* (1Jo 2,6). *"Quem cumpre os mandamentos dele permanece em Deus e Deus permanece com ele. Assim, graças ao Espírito que ele nos deu, reconhecemos que Deus permanece conosco"* (1Jo 3,24).

Não poderíamos deixar de incluir, neste momento de nossa reflexão, a companheira de caminhada na fé: Maria, Mãe de Deus e Mãe do povo! Ela é a Schekinah, a morada permanente de Deus. É exemplo, tanto da escuta atenta, quanto da prática concreta da Palavra de Deus: *"Faça-se em mim segundo tua Palavra"*. Maria deu licença para Deus entrar, encarnar-se e permanecer em seu ser. Assim ela o pode dar a luz ao mundo. E se não fosse esse "Sim" dessa jovem mulher, nós não estaríamos aqui.

Em síntese, a Vida Religiosa, inspirada no tema desta Assembleia: "Permanece conosco!" é chamada a visibilizar, no coração do mundo, o rosto amoroso de Deus vivendo a entrega no amor até o fim: *Ninguém jamais viu Deus. Se nos amamos mutuamente, Deus permanece em nós e o seu amor se realiza completamente entre nós...* (1 Jo 4, 12-16).

E porque o experimentamos, nosso coração se enche da verdadeira alegria que "inspira e transforma vida em missão". Imaginemos cada religiosa e cada religioso deste imenso Brasil unir-se na casa da sabedoria do povo e andar pelas ruas, pelo coração do mundo, para testemunhar que o amor e a justiça de Deus permanecem em nós. E nós permanecemos nele. Assim estaremos vivendo a nova aliança, dom e iniciativa de Deus e resposta comprometida nossa, confirmando na alegre esperança cada irmã e cada irmão.

*És a vida que nos enche de alegria, / Que inspira e transforma vida em missão:
Andaremos pelo coração do mundo/ Confirmando na esperança alegre os irmãos!*

lucia_weiler@yahoo.com.br